



### PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS

“A palavra privação, ato ou efeito de privar-se tem o sentido de despojar, desapossar alguém de alguma coisa, destituir, tolher, fraudar. (...)” (07) Já privação voluntária consiste em renúncia consciente a bens, favores, gozos, felicidades ou direitos a que se tem acesso ou posse natural e legítima; mas a verdadeira privação voluntária é a que se dá em benefício do próximo, quer para auxiliá-lo materialmente, quer espiritualmente. “(...) há grande mérito quando os sofrimentos e as privações objetivam o bem do próximo, porquanto é a caridade pelo sacrifício (...)” (01)

Porém é compreensível que mesmo a privação voluntária tenha um limite. “(...) pelo que vos respeita pessoalmente, contentai-vos com as provas que Deus vos manda e não lhes aumenteis o volume, já de si por vezes tão pesado; aceitá-las sem queixumes e com fé, eis tudo o que de vós exige Ele. Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e maceações sem objetivo, pois que necessitais de todas as vossas forças para cumprirdes a vossa missão de trabalhar na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o vosso corpo é contravir à lei de Deus, que vos dá meios de o sustentar e fortalecer. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. (...)” (01)

Existem privações voluntárias que, no entanto, são meritórias ao progresso individual. É o caso, por exemplo, daquela pessoa que se priva dos prazeres do mundo para auxiliar o próximo. Pelo seu trabalho, “(...) pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos (...)” (06) forma recursos “(...) para realizar seus generosos propósitos.” (06) Estas privações são meritórias por haver “(...) a privação dos gozos inúteis, porque desprende da matéria o homem e lhe eleva a alma. Meritório é resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis; é o homem tirar do que lhe é necessário para dar aos que carecem do bastante. Se a privação não passar de simulacro, será uma irrisão.” (02)

Daí, concluímos: são inúteis as privações ascéticas que observamos em vários religiosos. Com relação a isso os Espíritos Superiores nos falam: “(...) Procurai saber a quem ela aproveita e tereis a resposta. Se somente serve para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que entendam de colori-la. Privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, tal a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã”. (03)

É notório que muitas pessoas quando passam a apreender um certo conhecimento espiritual começam a abstenção de certos alimentos, principalmente a carne, por compreenderem ser um comportamento contrário a lei da Natureza. A pergunta 723 de O Livro dos Espíritos traz respostas a este assunto: “(...) Dada a vossa constituição física, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe prescreve, como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Ele, pois, tem que se alimentar conforme o reclame a sua organização.” (05)

Porém, Emmanuel nos alerta: “A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes conseqüências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a coope-

ração de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos.(...)”(08)

Não há contradição na resposta dada pelos Espíritos a Kardec e na de Emmanuel. Entre Kardec e os dias atuais, medeiam-se mais de cem anos. Na época da Codificação, talvez não fosse possível dar outra resposta senão aquela. Há que considerar, também, o grau de evolução da Humanidade de hoje e a do século passado. À medida que o homem vai progredindo, moral e intelectualmente, passa a ter horror ao sacrifício dos animais, mesmo para sua alimentação. O descobrimento de novas técnicas de produção, o aperfeiçoamento das existentes culminam por fazerem desaparecer, gradativamente, os matadouros e os frigoríficos. Hoje em dia, os recursos do solo, com o aperfeiçoamento da agricultura, são inumeráveis. Nas viagens espaciais, por exemplo, os astronautas alimentam-se de substâncias condensadas em forma de cápsulas, possuidoras de todos os nutrientes necessários à sobrevivência.

Na época de Kardec não havia uma indústria farmacêutica, como a existente hoje, capaz de produzir vitaminas, proteínas e tantas outras substâncias necessárias não só à sobrevivência humana e animal, como também no combate às doenças.

Por isso que, à medida que progredimos, que nos espiritualizamos, já não sentimos tanta necessidades dos despojos sangrentos dos animais.

\* \* \*

## FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Bem-aventurados os aflitos. In: O Evangelho Segundo o Espiritismo. Trad. de Guillon Ribeiro. 112. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1996. Item 26, pág. 121.
- 02 - Da Lei de Conservação. In:\_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Perg. 720, pág. 343.
- 03 - Perg. 721, pág. 343.
- 04 - Perg. 722, pág. 343.
- 05 - Perg. 723, págs. 343-344.
- 06 - Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita. In:\_. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Trad. de Guillon Ribeiro. 112. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1996. Item 06, pág. 216.
- 07 - FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Privar, privações. In:\_. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Pág. 1394.
- 08 - XAVIER, Francisco Cândido. In:\_. O Consolador. Ditado pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1991. Perg. 129, pág. 82.